

# O HORTELÃO

---



Sentado nos calcanhares, plantas dos pés no chão, Lenin cata matinhos do canteiro de couves recém-brotadas, em silêncio. Prazerosamente, dispensa os instrumentos e enfia os dedos da mão esquerda na terra em torno da tiririca, com profundidade para que, ao puxá-la para fora com a direita, saia o torrão inteiro, com as batatinhas que germinariam. Retirando “pragas” uma a uma, passa um tempo que transcende o relógio, expandido por uma espécie de transe denso e, ao mesmo tempo, leve e morno como um carinho.

Emergem cenas de tempos idos, porém vívidos como se presente. O rosto do pai que o ensinou a formar os canteiros, afofar a terra, secar e esfarelar o esterco para adubar, fazer as covas respeitando distâncias, plantar as sementes controlando quantidades, cobrir, regar... Tirar as “pragas” vegetais e animais, manter a terra fofa e úmida... Alegregar-se com os primeiros brotos, verdinhos e tenros e... partir.

Seu pai, desde antes de ele nascer, era um hortelão também de pessoas. Jornalista, cultivava a vida coletiva e amorosa com palavras. Sua enxada, rastelo e pá eram a máquina de escrever. Com ela, contava às pessoas sobre a dureza do chão social pelos idos dos anos 1970 e as convidava a quebrar a compactação estéril desse solo. A torná-lo macio, arejado e propício ao crescimento de seres plenamente humanos.

No embate com o solo social enrijecido, por vezes machucava-se. A dureza dos que o dominavam ameaçava partir seus dedos e seu corpo inteiro. Literalmente. E quando essa possibilidade se anunciava por perto, era hora de partir.

O pequeno Lenin, inconformado, pergunta ao pai:

— Mas por que trabalhamos tanto se nunca vemos nossas plantas crescidas? Nunca uma folha grande de alface, uma cenoura maior que meu minguinho, um tomate vermelho?

Sereno, Eridano passeia os olhos pela horta, levanta-os percorrendo a paisagem até o horizonte e volta-os para o filho. Diz:

— Não plantamos só para nós. Quem vier a este lugar, vai encontrar o que comer.

*Esta é uma história verídica da vida de Lenin e seu pai, Eridano Silva, jornalista que precisou viver na clandestinidade, escondendo-se das forças da ditadura militar, pois usava sua escrita para denunciá-la e anunciar um mundo fraterno e justo.*

*Todos os anos, ao final do ano letivo, milhões de seres-professoras do mundo despedem-se de crianças, adolescentes ou adultos. De muitos, para nunca mais. No ano seguinte, novos estudantes, um ciclo pela frente, professoras lançam-se a cuidar de vidas que acompanharão por um tempo. No final do ciclo letivo, novas despedidas e assim sucessivamente, ano após ano. A cada (re)início, sonhos de por meio desses brotos de futuro, cultivar um mundo bonito, viçoso, pujante de vida, que outros fruirão. São gente generosa como Eridano e a lição que ensina a seu filho.*

*Sabemos, no entanto, que esse cenário tranquilo em que tudo cresce belo e bom é uma utopia. As hortas têm que se haver com tempestades que desfazem canteiros e levam sementes e plantas na enxurrada, com doenças do hortelão, com bichos pequenos como pulgões ou grandes como vacas invasoras... As escolas têm fenômenos assim também. Muitas vezes, professoras até desanimam e murcham.*

*Elas também formam uma grande horta. Cultivemos.*